

Kunumi Omanõ

(As Crianças Estão Morrendo)

Já faz muitos anos aportaram por estas terras em que hoje pisamos, uns homens doentes e pálidos, vindos de muito longe, de além do Paraguai. Aqueles estranhos tinham pêlos por todo o corpo, de alguns não se podia ver nem mesmo o rosto. Eles trouxeram presentes, e no início aceitaram trocá-los. Com o tempo foi-se vendo que dos presentes que eles traziam, muitos eram imprestáveis, e o que eles pediam em troca gerava grande despesa. Por que queriam eles tanta madeira vermelha, que na mata já era agora difícil de achar? Entre a gente, alguns diziam querer partir, que estavam morrendo muitos.

Guerra e doença tomavam o Iguape, como não se havia na memória, e tanta morte não se via desde o dilúvio de que falavam os pajés. Havia muita traição, muito engano. Se algumas batalhas eram vencidas, eram mais os que aportavam, e raptavam as mulheres e os curumins. As rivalidades tradicionais eram acirradas por aqueles emboabas.

Eles declararam uma guerra que chamavam de justa contra aqueles que resistiam nos sertões.

Torna-se mais e mais difícil se esconder, já não há para onde ir. Os emboabas querem até as matas, para conservar, eles dizem. Quando se briga para defender o povo da floresta, há até quem diga que é para defender os interesses de fora. Mas espere um pouco! Quem aqui é de fora cara pálida? ...

É, talvez não seja assim tão errado dizer que as terras indígenas são medidas promovidas por interesses internacionais, pois os movem muitas nações. Pois há uma gente que fala muitas línguas e guarda muitos saberes. Nações muito antigas, que haviam antes desta nação chamada Brasil. Se há um interesse comum que une estes povos tão diferentes entre si é defender esta terra, na qual o madeireiro, o garimpeiro e o fazendeiro tanto cospem. É cuidar de seus curumins, que estão morrendo.

As terras indígenas ameaçam os interesses desta grande

nação? Ou será que ameaçam quem se dá por direito dizer o que quer o Brasil? Quantos em meio a estas nações não se dizem brasileiros, quantos não aprenderam a língua do estrangeiro português, que veio lá de Portugal, perdoe-se o pleonismo, e há mesmo os que só falam dito idioma após tamanha violência?

Hipocrisia, diriam os gregos, excelentes analistas do discurso,

é o que move um governador a declarar luto oficial de estado contra a demarcação de uma terra que ele tenta de toda maneira invadir. Seu ato, *a la* Louis XIV, é o desvelo de sua preocupação com os homens bons na terra de Macunaíma, Roraima, onde o indígena é mais espancado que cachorro. O imperador Ottomar Pinto merece as palmas do público por seu excelente exemplo de como governar em benefício próprio. Não bastasse a homologação de Raposa e Serra do Sol ser conquistada a duras penas, e que muito da terra tradicional foi espoliada pela ação criminosa da invenção de um



município dentro do que se sabia ser terra indígena, pela invasão dos arrozais e dos quartéis, o guloso governador quer tomar toda a terra dos índios para ele e seus afins.

Onde outrora mandou o rei do gado, é o rei mundial da soja, Blairo Maggi, quem manda. Sua alteza logrou o cessar de qualquer delimitação ou revisão de área de Terra Indígena no Estado do Mato Grosso, que por essas e outras de mato já não há mais quase nada. Faz poucos anos havia ao norte de seu feudo sinais deixados por índios arredios. Para onde terão agora que fugir, quando o poder judiciário liberou essa mesma área para a exploração desenfreada?

Enquanto isso, num reino nada distante, Mato Grosso do Sul, onde morrem muitos e muitos curumins, seu governante, Sua Majestade Zeca do PT, diz que está enjoado de índio. Mas ainda bem que ele é de esquerda, segue a estrela da esperança, a que venceu o medo. Em lugar do medo ou da raiva contra o índio, o que seria um mero enjôo? Bem, malgrado as indisposições do rei, os curumins

“A arte e a revolta só morrerão com o último homem.”

Albert Camus

continuam morrendo. E o que está fazendo a Funai? Não é a Funai que cuida dos problemas dos índios? ... [dúvida]... Ou será que logo procuram a Funai quando os índios viram um problema?

Tudo bem gente, que a Funai é flor no mínimo espinhosa, mas não precisa virar saco de pancada. Bode expiatório nesse saco de farinha estragada, no máximo o boxeador volta pra casa de mão machucada, ou com uma distensão depois de muito surrar. E não falta os que queiram esquartejá-la, e cada um comer uma parte, como num ritual antropofágico. Está certo que seria muito mais honroso comer um inimigo mais gordinho, mas aqueles que se dizem mais guerreiros entre os emboabas são muito medrosos. Aí dizem: “Então comamos a

Funai mesmo”. Então junta tudo: Ministérios, organizações semigovernamentais, igreja para todos os gostos e gastos, todo mundo quer sua bocado, daquilo que se costuma chamar naquela língua portuguesa por recurso. Tudo sobre a imagem do índio, de preferência daqueles pobres com *pedigree*, dos quais se rouba até amostras de sangue, com mais valor no mercado que daqueles acabocados do Nordeste que insistem na sua indianidade após quinhentos anos de atrocidades sofridas na pele, na carne, no sangue, na alma. É um verdadeiro banquete. Uma festa trágica... Pois os curumins, esses continuam morrendo.

Jaguarharô.

INTERNACIONALISMO

O internacionalismo é a união fraterna dos trabalhadores pelo mundo, independente de suas nacionalidades. É enriquecido pelo respeito às diversas identidades culturais e é praticado pela solidariedade das lutas e através do federalismo.

Já o nacionalismo é a exaltação do Estado Nação, e a pregação da união entre as pessoas de mesma nacionalidade. Ora, como unir patrões e empregados, governantes e governados, proprietários e miseráveis, senhores e escravos? O nacionalismo historicamente sempre negou a luta de classes, daí sua pretensão de unir o país. Segundo as ideologias nacionalistas, basta que cada um faça a sua parte para que a situação do país melhore. “Fazer sua parte” seria trabalhar obstinadamente, disciplinadamente, sem se opor aos outros nacionais: seria, na realidade do Brasil, não fazer greve contra os patrões (brasileiros como nós), nem desmoralizar as instituições nacionais (Forças Armadas, União Federal, etc.). O combate à corrupção sempre foi uma das principais bandeiras dos nacionalistas; isto ocorre porque eles acreditam na perfeição do sistema capitalista e acham que se todos forem honestos dentro do capitalismo, as desigualdades irão terminar. Aliás, tradicionalmente ao longo da história do mundo, os nacionalismos não fazem referência a capitalismo: é como se a luta de classes não existisse, só a luta da pátria contra os outros Estados.

Muitos dizem que é importante ser nacionalista no Brasil para combatermos o imperialismo norte-americano. Ora, este pensamento não faz sentido. O imperialismo nada mais é que o nacionalismo expansionista. Por amar sua pátria, os soldados americanos aceitam intervir militarmente em outros países, e aceitam viver explorados nos EUA (a “terra da liberdade”, onde milhares de pessoas trabalham por um prato de comida, muitos não trabalham, e os que tem emprego regular sofrem com uma jornada de trabalho abusiva). Bakunin já dizia que “o mais ínfimo e inofensivo dos Estados é ainda criminoso em seus sonhos”; é o caso do Brasil que tem sonhado exercer um subimperialismo na América Latina e intervir em combates contra guerrilheiros pelo continente, e, quem sabe, num futuro venhamos a repetir atrocidades como a Guerra do Paraguai, onde explorados matavam explorados, impulsionados pelo nacionalismo.

Temos que combater toda a forma de imperialismo militar, econômico ou cultural, seja de onde for, se opondo ao ufanismo estrangeiro e brasileiro. Ser contra o imperialismo não significa nacionalismo (ao contrário), significa tão-somente respeito à nossa realidade, às nossas necessidades específicas, sem aceitar imposições de valores culturais alienantes nacionais ou estrangeiros. Significa,

acima de tudo, trilhar um caminho independente, construído por nós mesmos, e não imposto pelas classes dominantes (sejam elas de onde for, inclusive de nosso próprio país). Ser internacionalista não é ser entreguista, é promover intercâmbios culturais democráticos entre pessoas de diferentes nacionalidades, pois só assim podemos aprender com outras experiências revolucionárias e nos fortalecer como classe.

Repetimos: o imperialismo nada mais é que o nacionalismo expansionista, e só pode ser derrotado por um internacionalismo socialista que promova a união dos oprimidos de todo o mundo contra os exploradores onde quer que eles se encontrem. O discurso nacionalista só leva em conta qual burguesia será beneficiada pela expansão do capital: se a brasileira, se a estrangeira, ou se as duas. Por não compreender isto, grande parte da “esquerda” brasileira está se dizendo nacionalista, partindo da idéia de que é preciso fazer uma aliança com a burguesia nacional. Como aliar Sílvia Santos a um faxineiro do SBT? Como aliar Antônio Ermírio de Moraes a um metalúrgico? Como aliar Abílio Diniz a um caixa de supermercado? Ora, tal aliança é intrinsecamente contra-revolucionária, e típica de grupos de extrema direita.

O nacionalismo constitui na mente dos indivíduos um sentimento de superioridade sobre os demais países e povos, reforçando o etnocentrismo e o preconceito. É um sentimento mesquinho que facilmente se torna discriminatório no momento em que – por sua exacerbação – se transforma em xenofobia. Separa os povos e origina guerras e conflitos que só interessam aos governantes. Sabemos muito bem que a base para sistemas ultra-repressivos e reacionários – como fascismo, nazismo e integralismo – é o nacionalismo. E se quisermos nos ver livres de uma vez por todas dessas ameaças às nossas liberdades, devemos desde já nos colocar contra o sentimento nacionalista.

O nacionalismo não passa de uma ameaça às liberdades individuais, pois a separação do mundo em territórios e fronteiras – criadas pelo Estado e defendidas pelo Exército – só pode ter uma função: constituir uma clara segregação e opressão sobre as diversas culturas e etnias dos povos espalhados pelo planeta.

Um mundo sem fronteiras não significa um mundo sem diversidade de culturas e de povos, mas sim, ao contrário, a valorização e respeito a todas as culturas, pelas suas características próprias: filosofias, idiomas, história, espiritualidade, etc.

Todas as pessoas, independente de sua nacionalidade, são iguais e devem ser livres. Não nasceram para serem presas por fronteiras demarcadas em volta do seu local de origem. Qualquer demarcação de territórios entre as regiões geográficas é uma clara tentativa de aprisionamento dos indivíduos e de retirada de sua liberdade individual e coletiva. Resumidamente, a pátria é uma prisão. Portanto, se quisermos obter uma liberdade real e concreta, e não apenas meras palavras, devemos nos opor ao nacionalismo, assim como às instituições que mantêm e conservam esse espírito preconceituoso, como o Estado e o Exército.

Liberto Silva (Rio de Janeiro/RJ)

**Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 4,00).**

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

DIÁRIOS DE UM ANARQUISTA

“Que belo ler isso justamente neste meu momento atual. Na época que eu fazia parte do Partido Obrero, pensava: - Como são loucos estes anarquistas, querem organizar cooperativas! Nós ignorávamos isso, estávamos preocupados com a disputa pelo poder. Veja você! Hoje a minha atividade prioritária é a organização de uma cooperativa!”

Este foi um relato sincero de um companheiro de um dos movimentos sociais de maior comprometimento popular da Argentina. Tive o prazer de estar na companhia dele e de mais outros vários companheiros dos MTD's (Movimento de Trabalhadores Desempregados) da Argentina, em minha viagem ao país no início deste ano. As palavras que reporteí acima não são exatamente as que o companheiro usou para expressar o assunto, mas, com a sinceridade de quem se preocupou em vivenciar a luta dos companheiros do *MTD La Matanza* e consequentemente oferecer e adquirir respeito, amizade e força na luta, tento transportar nas minhas palavras esta indelével experiência.

Após a tumultuada passagem pelo V Fórum Social Mundial (Porto Alegre) planejei uma viagem a Argentina. Aliás, no FSM até pude encontrar indivíduos com algum comprometimento com a luta social, mas reinava lá, sim, a intolerância, a ignorância e o desfile dos egos pequeno-burgueses (de profissionais do governo, de partidos, de proto-partidos, *playboys/playgirls* – foliões, “neo-hipongas”, mochileiros –, empresários e organizações “não-governamentais”/ONG's). Fora isso, no acampamento da juventude imperava o machismo, a possessividade, o consumismo, o preconceito e a violência (presente no nosso dia-a-dia, entretanto em um momento especial de aglomeração e espetáculo), de uma juventude que oscilava entre passividade, ignorância e repressão. Tudo travestido sob uma fantasia de carnaval, apenas simbolizava a liberdade sexual, o desprendimento da alma, o respeito e o prazer mútuos. Apenas simbolizava. Ah, se ainda revivêssemos um Woodstock! Todavia lembremos também que o propósito principal do acampamento e deste Fórum não era o de um Fórum Sexual Mundial, e sim “social”, de resistência ao neoliberalismo e ao capitalismo, ao menos, teoricamente. Toda esta carga negativa me fez duvidar de minha viagem posterior.

Pois bem, passado o furacão FSM, dirigi-me a Buenos Aires, a fim de desfrutar umas férias, presenciar a realidade da população argentina e dos movimentos sociais e entrar em contato com movimentos anarquistas de lá.

Tive, primeiramente, a oportunidade de visitar a *Biblioteca Jose Ingenieros*. Este antigo espaço, além de possuir um ótimo acervo de livros anarquistas e de pensamento social (de acesso público), é local de reuniões de grupos de militantes e de um belíssimo coletivo editorial de materiais anarquistas. Com os que estavam presentes no espaço, pude conversar bastante sobre a história do movimento anarquista na Argentina e adquirir algum material e indicações bibliográficas sobre o assunto. Deles recebi as indicações de outros grupos anarquistas argentinos, porém nem a todos pude conhecer pessoalmente. Aliás, indicaram-me que existiam muitos outros anarquistas que não pertenciam a grupos expressamente anarquistas, mas que participavam ativamente de assembléias de bairro, de movimentos de ocupação e, em menor escala, de movimento de piqueteiros.

De uma tacada só tentei entrar em contato com a *Federação Libertária Argentina* (FLA) e a *Federação Obreira Regional Argentina* (FORA). Meu contato com a FLA foi muito produtivo, pois nos informamos mutuamente das práticas e o entendimento da luta social legitimamente libertária comuns entre FLA e FARJ. Presenciei neste espaço o projeto de organização e recuperação de um dos maiores acervos latino-americanos de materiais anarquistas (acervo muito conhecido nos círculos da esquerda libertária argentina, como também

o é a *Biblioteca Jose Ingenieros*)¹, projetos de grupos federados à FLA – a exemplo do reforço escolar desenvolvido pelo coletivo *Bandeira Negra*. Ao contrário da FLA, na FORA não tive o prazer de encontrar um ambiente fértil de luta social e mobilização. A FORA atualmente, apenas portando como estandarte seu glorioso passado de resistência operária e organização, apresenta-se como uma mera estrutura arquitetônica de portas rubro-negras. Havia algumas pessoas interessantes com quem troquei informações sobre as atividades da FARJ e pude discutir sobre a realidade política da Argentina. Torço muito para que estas pessoas que encontrei se movam em prol de uma luta mais objetiva, todavia saí sem muitas esperanças. Enfim, nestes dois espaços obtive as direções de outros movimentos como a OSL, AUCA e MUP, mas não consegui entrar em contato com nenhum deles.

No ínterim da ida aos espaços anarquistas, conheci alguns indivíduos anarquistas que atuam em assembléias de bairro, a exemplo dos que participam em Parque Patricios ou os da *Assembléia Gastón Riva*, onde funcionava um empreendimento comunitário de fabricação de artigos de limpeza (*Borbuja Latina*) e uma biblioteca social. Outros, de grupos carnavalescos (*murgas*), manifestavam maior teor de protesto social, a exemplo dos *Matadores da Tristeza* que fazia denúncias contra a Ditadura, contra a polícia e contra o governo. Conheci ainda membros da *Universidad Transumante*, do coletivo editorial *Fantasma*, de MTD's e organizadores do evento anual *Enero Autónomo*. Faltou-me conhecer o trabalho de militantes em fábricas recuperadas, entretanto *mi plata y tiempo* eram curtos. Observei que a maioria destes militantes têm uma idéia muito madura sobre organização de movimentos sociais: a *Autonomia*. Um “conceito” muito próximo ao Anarquismo, a *Autonomia*, discutida entre estas pessoas, na prática mostrou ter muita eficácia na luta contra o autoritarismo, os movimentos de vanguarda, o individualismo e a manipulação através do assistencialismo estatal, propondo democracia direta e autogestão.

Em minha ida ao Centro Comunitário do *MTD La Matanza* – a mais produtiva das visitas nesta minha primeira viagem para fora da “*república canalha*”, quer dizer, *canária*, além de conhecer a dura realidade suburbana de Buenos Aires –, entrei em contato com preciosos projetos desenvolvidos por eles. No centro comunitário, um espaço de gestão popular (autônoma), havia uma padaria, uma oficina de costura, um ponto de atendimento médico (que tinha credenciadas em sua lista de atendimento mais de 1.600 pessoas daquele bairro), uma escola infantil, uma classe de educação para adultos (mais direcionada aos pais das crianças da escola infantil), uma pequena horta e uma feira de trocas (funcionante todos os dias pela tarde durante 2 horas). E o que eles possuem de “desocupados”? Nada. Este é apenas um termo argentino para designar as pessoas que estão sem um emprego formal, assalariado.

Longe do “*piquetur*” (termo jocoso usado pelos militantes de lá usado para se denominar os turistas de movimentos sociais que aparecem aos montes), encantado pela iniciativa popular sincera, em três dias de estada no movimento, pude estabelecer com eles o laço de apoio mútuo e o compromisso da luta conjunta entre a FARJ e os MTD's autônomos. Também pude desfrutar momentos de descontração com todos, tomando um mate quente, comendo um pão doce, conversando sobre ecologia, educação, cultura, história, política e música, vendo os pássaros e os sapos que visitavam o espaço e brincando com as crianças. Em meio a estas conversas, mostrei-lhes nosso mascote tiê-sangue (já que conversávamos de pássaros) e apresentei a carta de princípios da FARJ, de onde surgiu o emocionado relato do companheiro que reporteí no início deste texto. Este, imediatamente refletira sobre a sua própria trajetória de vida, como um ex-trotskista do *Partido Obrero*, ao ler o trecho em

que denunciarmos os crimes dos bolcheviques contra os militantes sociais na história, e termina por lançar felizes palavras. Minha viagem se encerrava dentro de alguns dias. Senti que o estreitamento das relações poderia ser muito maior, o que me dava tremenda saudade

mesmo antes de partir, entretanto, fui-me com uma bagagem de ânimo nas alturas.

Arriba los que luchan!!!

Saúde, Anarquia e Autonomia!!!

Rafael Borges (FARJ)

.....Notícias Libertárias.....

Núcleo de Pesquisa Marques da Costa

Já está funcionando efetivamente o Núcleo de Pesquisas Marques da Costa no âmbito da Biblioteca Social Fábio Luz. O Núcleo se propõe a fornecer apoio a outras organizações libertárias e/ou populares no que se refere a pesquisas históricas, implementação de palestras e cursos a serem realizados em sindicatos, movimentos populares, universidades, etc. Para cumprir seus objetivos possui acesso a amplo material de pesquisa pertencente à Biblioteca Social Fábio Luz e aos acervos particulares de seus participantes. Desde o final de 2004 o Núcleo já lançou pela editora Achiamé os livros *Crônica dos primeiros Anarquistas no Rio de Janeiro* de Milton Lopes e, com vistas ao 1º de Maio, o clássico de Ricardo Mella *A Tragédia de Chicago*, este último com o apoio do Sindsprev/RJ e dos Sindscope. Aqueles que desejarem utilizar seus serviços poderão fazer contato pelo e-mail emece1924@yahoo.com.br

Magonismo em luta no Sul do México: O Coletivo Autônomo Magonista (CAMA), trabalha junto com a cooperativa *Cultura Libre*, o periódico "*Autonomía*", além de ser parte da *Alianza Magonista Zapatista*, da qual fazem parte também as oaxaquenhas *Organizaciones Indias por los Derechos Humanos de Oaxaca (OIDHO)* e o *Comité de Derechos Indígenas de Santiago Canica (CODEDI)*. Em 15 de janeiro passado, a polícia de Oaxaca e a polícia Judicial, pelo presidente de Santiago Xanica, Sergio García Cruz e seu suplente Fermín Hernández, através de manobras organizadas pelos partidos institucionais PRD, PAN e Convergência (encabeçada pelo narcopoderoso PRI), e pelo pároco Wilfredo Mayren Peláez encarrado da Comissão de Paz e Justiça da Arquidiocese, promoveram uma emboscada a alguns indígenas magonistas que se encontravam em trabalhos de *tequio* (trabalho comunitário). Como resultado do episódio, foi ferido com gravidade Abraham Ramírez Vázquez, representante do CODEDI e outros dois jovens de nome Juventino García Cruz e Joel García Cruz da mesma comunidade. Atualmente existem muitos companheiros presos no estado de Oaxaca e a repressão é permanente. Os companheiros magonistas, dessa

forma, têm feito plantão na frente da Comissão Nacional de Direitos Humanos e promovido marchas na capital e nas cidades de Oaxaca. (Contato CAMA: camadf@yahoo.com.br; Para mais informações: <http://flag.blackned.net/alternativas/Xanl.htm>).

Confraternização: Foi realizado no dia 12 de dezembro último, no Centro de Cultura Social (CCS/RJ), um almoço comunitário que reuniu cerca de 50 pessoas. Após o almoço, a abertura foi feita pelo companheiro Antônio Louro, seguindo-se breves intervenções pelo CCS (Renato); FARJ (Robledo); Projeto AJAM "*bolinhos*" (Daiane); Projeto Reciclagem (Berimbau) e Comitê contra a Perseguição, *Prisão e a Tortura no Brasil* (André). Pelas ocupações, falaram os compas Marcos (Vila da Conquista/Jacarepaguá – 30 famílias); Solange (Nelson Faria Marinho/Curucica – 35 famílias); Heloísa (Olga Benário/Campo Grande – 120 famílias) e João Ângelo (Chiquinha Gonzaga/Centro – 68 famílias). Tivemos ainda a presença do companheiro Felipe, do Coletivo Anarquista Terra Livre, de São Paulo.

Kropotkin nas livrarias: Será lançado em junho próximo, numa co-edição das editoras *Imaginário* e *Ícone*, o clássico "Palavras de um Revoltado", de Piotr Kropotkin. O livro, com 278 páginas, é formado por uma série de artigos escritos por ele e publicados no jornal *Le Révolté*, no período entre 1879 e 1882. Conforme Elisée Reclus comenta na apresentação do livro "Fiel ao método científico, o autor expõe, de início, a situação geral da sociedade, com suas baixezas, seus vícios, seus elementos de discórdia e de guerra; estuda os fenômenos de decrepitude que os Estados apresentam e mostra-nos as fissuras que se abrem, as ruínas que se acumulam. Em seguida, desenvolve os fatos da experiência, oferecidos pela História Contemporânea no sentido da evolução anárquica; indica sua significação precisa e extrai deles o ensinamento que comportam. Enfim, no capítulo A expropriação, resume suas idéias, tais como sobressaem da observação e da experiência, e apela para os homens de boa vontade, que não se contentam em saber, mas que querem agir." Pedidos para a Editora *Imaginário* e para a *Faísca Publicações Libertárias* (www.editorafaísca.net).

Mussolini ressuscitou!: O Estado democrático fascista italiano prendeu mais de 25 anarquistas e fichou centenas em vários pontos do território italiano, num duro golpe aos grupos anarquistas daquele país. Os detidos são acusados de envio de bombas, atentados explosivos, associação subversiva ou de subversão da ordem democrática, além de propaganda e apologia subversiva. Essas acusações são baseadas unicamente em um teorema associativo que toma como referência o artigo 270-270 Bis do código penal italiano, cujo uso ideológico contra qualquer forma de dissidência não pactuada ou domesticada, vem sendo uma constante há vários anos. Informações atualizadas, endereços dos anarquistas presos, relatos de manifestações de apoio e solidariedade, entre na página: www.anarcotico.net



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 e A RESSURGÊNCIA. CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. Rio/RJ * COL. DOMINGOS PASSOS. CP 100670. CEP 24001-970. Niterói/RJ * CCS. CP 2066. CEP 01060-970. São Paulo/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. Cubatão/SP * COL. TERRA LIVRE. CP 1731. CEP 01009-970. São Paulo/SP * COMLUT. CP 768; CEP 13001-970. Campinas/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. Salvador/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. Salvador/BA * NUELCA. CP 14. CEP 48000-970. Alagoinhas/BA * FCL. CP 10.115. CEP 58109-970. Campina Grande/PB * MAPIBA. CP 185. CEP 40001-970. Salvador/BA * GEAL. CP 3244. CEP 78060-970. Cuiabá/MT * CNA. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * CRAP. CP 584. CEP 14801-970. Araraquara/SP * OPÚSCULO LIBERTÁRIO. CP 15. CEP 11401-970. Guarujá/SP * AFIMEGEAAP. CP 2744. CEP 59022-970. Natal/RN * MOTIM. CP 77. CEP 29146-970. Cariacica/ES * RLBS. CP 99. CEP 11010-970. Santos/SP * GASA. CP 11. CEP 29390-000. Itina/ES * CCMA. CP 665. CEP 01059-970. São Paulo/SP * BARRICA DA LIBERTÁRIA. CP 5005. CEP 13036-970. Campinas/SP * COL. LUA. CP 2501. CEP 60721-970. Fortaleza/CE * CAZP. CP 136. CEP 57020-970. Macéió/AL * CAO. CP 306. CEP 65001-970. São Luís/MA * FENISKO NIGRA. CP 999. CEP 13001-970. Campinas/SP * COL. RUPTURA. CP 2501. CEP 60721-970. Fortaleza/CE